

A proposta do Secretário do Tesouro dos EUA, Hank Paulson, desperta forte reacção na sociedade ao propor o resgate dos banqueiros ricos e não dos devedores pobres. Entre os que se opõem à proposta estão nomes como George Soros, Paul Krugman e Michael Moore. Segundo Moore, os republicanos estão a usar os seus velhos truques de provocar medo e confusão "para continuar eles mesmos e o 1% da classe alta, obscenamente ricos".

Texto de **Oscar Ugarteche**. Este artigo do economista peruano Óscar Ugarteche foi publicado em alainet.org e traduzido por **Carta Maior**.

A manhã do dia 29 de Setembro de 2008 foi marcada pelo debate no Congresso dos Estados Unidos sobre a proposta elaborada pelo Secretário do Tesouro, Hank Paulson, para comprar activos dos bancos de investimentos. Essa iniciativa, encontrou forte reacção na sociedade que a recebeu como um resgate dos banqueiros ricos e não dos devedores pobres, e gerou também uma polémica internacional. Diferentes vozes, como a do investidor George Soros, o professor Paul Krugman e o cineasta Michael Moore, entre outros, expressaram a sua reprovação à ideia. Uma lista de professores norte-americanos assinou uma carta onde, em essência, criticam o conceito de resgate bancário, considerando-o como um subsídio aos investidores pago pelos contribuintes. Os investidores que assumiram os riscos também devem pagar as perdas, diz a carta.

Nem todas as quebras, acrescenta o documento, envolvem riscos sistémicos. Assim, nem a missão da nova agência que seria criada com os 700 mil milhões de dólares de ajuda, nem o seu âmbito estariam claros. Se os contribuintes devem ser obrigados a comprar activos suspeitos e opacos de vendedores preocupados, as condições, ocasiões e métodos de tais compras deveriam ser claros e as operações de compra submetidas a uma supervisão. Essas condições não faziam parte do plano. A carta dos académicos termina dizendo que se o plano for aprovado tal como formulado, trará efeitos para uma geração de norte-americanos. "Com todos os seus problemas recentes, os mercados de capital privado são dinâmicos e inovadores e trouxeram uma prosperidade ímpar aos EUA. Debilitar esses mercados com interrupções de curto prazo é uma prática desesperadamente míope", critica.

Michael Moore, cineasta crítico dos republicanos, afirmou que não importam o que digam e quantas palavras atemorizantes pronunciem, estão a utilizar os seus velhos truques de provocar medo e confusão para continuar eles mesmos e o 1% da classe alta, obscenamente ricos. Lendo os primeiros quatro parágrafos do artigo principal da edição de 22 de Setembro do New York Times, pode-se ver do que realmente se trata: "No exacto momento em que os formuladores de políticas trabalhavam nos detalhes do plano de 700 mil milhões de dólares para socorrer o sector financeiro, Wall Street começou a buscar formas de se aproveitar disso. As empresas financeiras estão a trabalhar para que sejam cobertas todas as formas de investimento problemáticas, não somente aquelas relacionadas com as hipotecas. Ao mesmo tempo, as empresas financeiras estão a manobrar astutamente para vigiar todos os valores dos livros das instituições financeiras nas quais o Tesouro planeia intervir, o que poderia

garantir-lhes milhões de dólares ao ano em honorários. Ninguém quer ficar de fora da proposta do Tesouro para adquirir valores das instituições financeiras". Incrível. Wall Street e os seus defensores criaram esse desastre e agora vão limpá-lo como delinquentes. Até Rudy Giuliani está a trabalhar para que a sua empresa seja contratada (e paga) para realizar "consultorias" sobre o resgate financeiro, denuncia Moore.

Criticada à direita e à esquerda, a iniciativa foi rejeitada por uma margem de 23 votos, 228 contra 205 votos no Capitólio, o que fez com que as bolsas descessem drasticamente no mundo inteiro. Após a decisão, Paulson disse que é preciso fazer algo, ainda que tenha reconhecido que o sistema está a funcionar bem apesar de tudo. Nos últimos quatro meses, quebraram toda a banca de investimento menos Morgan Stanley e Goldman Sachs, cuja quebra foi evitada pela sua transformação em holdings bancários, com a ideia de que o governo compre seus activos. Até agora, de uma lista de vinte instituições expostas aos derivados vinculados a seguros de hipotecas, dez deixaram de existir sem que tenha ocorrido nada de substancial nem na banca comercial nem no tipo de câmbio. O que está a ocorrer previsivelmente é que bancos maiores estão a comprar por pouco dinheiro as carteiras das instituições que caminham para a quebra ou a comprar a empresa quebrada inteira de maneira que continue com o mesmo nome ainda que, na realidade, seja agora uma divisão de um banco maior.

Os grandes compradores são Bank of America, Citibank e JP Morgan Chase que adquiriram Washington Mutual e Wachovia nos dias 27 e 28 de Setembro, embora eles mesmos tenham rabo de palha. O possível fim, após a quebra das vinte instituições ligadas a este mercado de derivados relacionados com as hipotecas, é que bancos estrangeiros comprem esses activos nos EUA a preço baixo. Na Inglaterra, quando quebrou o segundo maior banco hipotecário do país, Bradford & Bingley, ele foi nacionalizado pelo Tesouro. É o segundo banco a ser nacionalizado na Inglaterra nesta crise. O que ficou claro é que a opinião pública e a maioria dos políticos decidiram que resgatar banqueiros era um mau negócio.

Entre as consequências desta crise possivelmente estará a necessidade de separar novamente os bancos comerciais dos bancos de investimento e supervisionar todas as operações da banca comercial, assim como estabelecer controlos para esse tipo de operações que, por serem livres e globais, somam 547 mil milhões de dólares. O retorno da acumulação financeira à acumulação real fará com que os anos vindouros sejam de baixo crescimento para os EUA, mas de consolidação das novas tecnologias e de uma nova ordem emergente com suas novas instituições. O capitalismo financeiro, tal como o conhecemos desde a década de 70, chegou ao fim.

Oscar Ugarteche, economista peruano, trabalha no Instituto de Investigações Económicas da Universidade Autónoma do México, e integra a Rede Latino-americana de Dívida, Desenvolvimento e Direitos (Latindadd). É presidente da ALAI e integrante do Observatório Económico da América Latina (Obela).

Tradução: **Marco Aurélio Weissheimer**

Sumário da Home:

A proposta do Secretário do Tesouro dos EUA, Hank Paulson, desperta forte reacção na sociedade ao propor o resgate dos banqueiros ricos e não dos devedores pobres. Entre os que se opõem à proposta estão nomes como George Soros, Paul Krugman e Michael Moore. Segundo Moore, os republicanos estão a usar os seus velhos truques de provocar medo e

confusão "para continuar eles mesmos e o 1% da classe alta, obscenamente ricos".

Thumbnail Image:



Main Image:



Dossier:

Dossier 095: Crise Financeira Internacional (2008) ^[2]

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

URL de origem: <http://www.esquerda.net/dossier/razoes-da-oposicao-ao-plano-paulson/18222>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/file/wllstmanif0809253jpg-0>

[2] <http://www.esquerda.net/topics/dossier-095-crise-financeira-internacional-2008>